

ENTREVISTA

ALFREDO JOSÉ GONÇALVES
(PADRE ALFREDINHO)

LIDIANE MARIA MACIEL (1)
MARIANA SHINOHARA RONCATO (2)
PATRICIA VILLEN (3)

Alfredo José Gonçalves, mais conhecido como padre Alfredinho, é um missionário e intelectual scalabriniano,¹ que se dedica há mais de 30 anos à causa dos migrantes dentro e fora do Brasil. Nascido na ilha da Madeira, em Portugal, em 1953, vive no Brasil desde 1969, onde foi ordenado padre, em 1984, pela Congregação dos Missionários de São Carlos Borromeu, cujo carisma é o cuidado com os migrantes, orientado pelo versículo bíblico: “Eu era estrangeiro e vocês me acolheram” (Mt 25, 35).² Atualmente, exerce a função de superior provincial da Província São Paulo, setor de sua congregação que inclui diferentes estados brasileiros, desde o Amazonas até São Paulo, e também o Peru. No âmbito internacional, assumiu em 2012 o posto de vigário-geral da congregação.

Formado em teologia e em filosofia, é autor de diversos textos que orientam a ação da Pastoral dos Migrantes, organismo vinculado à Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Tem experiência com os migrantes da Cidade do Leste no Paraguai e também na Tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, além de ter vivido em diferentes estados brasileiros, realizando atividades nas periferias e favelas de São Paulo, com sem-tetos e trabalhadores do corte de cana no Nordeste. Hoje, sua atuação incorpora também os refugiados e imigrantes estrangeiros no Brasil.

Sua vasta experiência de engajamento com os migrantes apresenta uma leitura bastante singular das transformações pelas

¹ Scalabrinianos, também conhecidos como carlistas, são missionários vinculados à Congregação São Carlos de Borromeu. A congregação foi fundada por João Batista Scalabrini em 1887, com o objetivo de prestar assistência aos camponeses italianos que emigravam para as Américas de forma massiva, naquele período. Em 1895, o segmento feminino da congregação foi fundado. Hoje, scalabrinianos e scalabrinianas atuam principalmente na América Latina e em países da África e Ásia.

² *Bíblia sagrada*. Trad. da *Vulgata latina* pelo padre Matos Soares. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

quais passou a questão migratória no Brasil, nas últimas décadas. A entrevista foi realizada no dia 23 de junho de 2012, em sua casa, em São Paulo.

(1) Padre Alfredo, de início gostaríamos que o senhor relatasse livremente um pouco da sua trajetória pessoal, profissional e de atuação com os imigrantes e com a Pastoral.

A minha trajetória não é tão nobre, é mais ou menos do meu tamanho. A minha trajetória é a seguinte: eu sou imigrante, pertencço a uma família de imigrantes, nasci em Portugal. Em 1969, junto com a família, nós viemos todos para o Brasil, a família toda. Cheguei aqui, infelizmente, em plena ditadura militar, alguns meses depois do AI-5. Na hora de escolher para onde eu ia, depois de fazer o segundo grau, descobri que tinha uma congregação que trabalhava com migrações. Como eu era imigrante, como tinha essas migrações e como estava disposto a seguir essa vocação, acabou casando uma série de coisas. Acabei entrando nessa congregação, fiz toda a trajetória formativa: filosofia, teologia etc. Depois, além disso, fiz ciência da religião na PUC e assim passei a trabalhar mais diretamente com os imigrantes.

Trabalhei em várias realidades, fortemente ligadas à imigração. Primeiro, migração interna: trabalhei com favelas na Zona Leste, especialmente no Parque Santa Madalena, na divisa de São Paulo com Santo André. Ali tem uma série de favelas normalmente de nordestinos, com destaque para Pernambuco, Paraíba, Bahia. Então, trabalhei um tempo ali. Depois, trabalhei com cortiços no coração de São Paulo. Ali foi uma experiência totalmente diferente. É um povo em situação muito mais degradante do que a própria favela. Na favela, o pessoal disputa metro quadrado; no cortiço, a disputa é por centímetros quadrados. Disputa por varal, por banheiro, por tanque de roupa etc. Foi uma experiência muito interessante. Nós tínhamos acesso a uns 40 cortiços no coração de São Paulo. Ao lado dos cortiços, tínhamos também

uma casa de acolhida de imigrantes. Na época que eu estava ali, no final dos anos 1980, essa casa estava passando da acolhida de migrantes nordestinos para a acolhida de migrantes hispano-americanos. Estavam chegando muitos chilenos, peruanos, equatorianos, bolivianos. Eles se hospedavam nessa casa. Havia uma tradição, uma migração interna para uma migração externa nos países vizinhos. Isso foi no começo dos anos 1990, no final dos anos 1980.

Depois, fui para o Nordeste, para a Paraíba. Lá, meu trabalho foi outro. Foi um trabalho que eu já tinha desenvolvido no interior de São Paulo. Um trabalho com migrantes temporários no corte da cana. Eu não era ainda padre, mas já tinha trabalhado em São Paulo com esses imigrantes e repeti esse trabalho na Paraíba. Fundamentalmente, ali, era o trabalho origem–destino: você acompanha os alojamentos onde esses imigrantes ficam durante a safra, 5 a 6 meses. Então, nós acompanhávamos os alojamentos. Nesses alojamentos podíamos fazer poucas coisas como expressões religiosas, como terço, missa, orações, bênçãos etc., porque estávamos na “boca do leão”, nos alojamentos da usina. Era um alojamento de 100, 200, 300, às vezes mais trabalhadores. Em São Paulo, especialmente de mineiros e também baianos.

Quando fui para a Paraíba, eu trabalhava com o pessoal do agreste da Paraíba que se deslocava para cortar cana na Zona da Mata de Pernambuco. Ali eu acompanhava os dois lados: os alojamentos de Pernambuco e as famílias das comunidades rurais no agreste da Paraíba, especialmente nas serras da Borborema, município de Fagundes, Itatuba, Ingá, entre outros. De início, percebi que as condições de vida e de trabalho na Paraíba, em Pernambuco eram muito mais precárias. Eu vi muitos alojamentos onde o adubo e os cavalos ficavam no espaço com as redes dos trabalhadores. Alojamento de 100, 150 trabalhadores. Eram condições de trabalho precárias, sem banheiros, sem chuveiros, em que cada um tinha que fazer sua própria comida. O pessoal levantava às 3, 4 horas da manhã para fazer a comida.

O transporte para o trabalho era feito nos mesmos caminhões de cana. O pessoal ia agarrado nos paus que seguravam a cana. Por que esse meu trabalho? Porque, para ser padre, a gente faz duas faculdades: de filosofia e teologia. Quando terminei filosofia, um colega meu e eu achamos que devíamos fazer um trabalho diferente, ter uma experiência concreta antes de fazer teologia. Então, largamos o seminário e fomos cortar cana no interior de São Paulo.

(1) Em qual cidade?

Em Dobrada, uma cidadezinha perto de Jaboticabal, logo depois de Matão. Ali ficamos um ano, trabalhamos no corte de cana, na colheita da laranja e no plantio de cana nesse período. E foi ali que conheci mais de perto a vida dos trabalhadores de corte de cana. Eles levantavam cedo, às 4 horas, preparavam alguma boia e iam para a roça. A nossa cota de corte da cana era em geral 30% abaixo de um trabalhador por semana, inclusive das mulheres. O pessoal tem uma agilidade muito grande no corte da cana.

Foi ali que percebemos algumas coisas muito preocupantes para o nosso trabalho posterior. Por exemplo, a condição da mulher no corte da cana, que levanta primeiro que o marido para preparar tudo, depois sobe no caminhão junto com o marido; quando chegam do trabalho, o marido vai para o bar tomar cachaça e ela tem que ir para casa preparar tudo. Quando o marido chega do bar, tem que jantar, porque depois tem o jornal para assistir. Ela tem que ser a última a jantar. Depois vai arrumar as coisas, vai arrumar os filhos etc. Ao redor das 23 horas, ela vai deitar, e tem que levantar às 3, 4 horas da manhã. Eu, olhando isso, dizia que não aguentava oito dias essa vida, de jeito nenhum. Mas elas faziam isso. Quando tinha reunião dos sindicatos, da igreja, da escola das crianças, quem ia era a mulher. Em geral quem ia às reuniões era a mulher, não era o homem.

Além do salário muito precário, das moradias bem nas pontas de rua, nas periferias, eu vi um rapaz que todo dia

abria a marmita e tinha um ovo frito. Depois, nós descobrimos, conforme cresceu a amizade com ele, que, na verdade, ele comia o ovo a cada três dias, mas ele levava todo dia para não passar vergonha diante dos companheiros. E esse mesmo rapaz, depois que fizemos amizade, acabou sendo presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Guariba. Ele subiu como presidente na época da greve de Guariba. Essa greve mexeu muito conosco. Nós acabamos participando da greve do Partido de Dobrada e esse rapaz acabou sendo presidente do sindicato não só de Guariba, como também de Dobrada. Justamente durante o período da greve, logo após a greve. Hoje ele é vereador, foi vice-prefeito. Mas é uma pessoa muito engajada nas lutas populares etc.

Em São Paulo, depois de tudo isso, hoje a gente vê condições um pouco melhores: comida quente que a usina leva na roça, o transporte é feito por ônibus, precários, mas é feito por ônibus. Porém o problema é que estão chegando as máquinas e está terminando praticamente o trabalho manual do corte de cana. Isso em São Paulo. Há também uma proibição de queimar cana. Antes o trabalhador só podia cortar cana quando ela era queimada. Cana não queimada só se corta para semente. Aí é muito devagar e rende muito pouco. Já no Nordeste, a situação era muito mais precária, dos dois lados, onde trabalhei três anos nesse acompanhamento.

Depois que retornei a São Paulo, fui fazer uma experiência completamente diferente, que foi trabalhar na CNBB. Por cinco anos, trabalhei na Assessoria das Pastorais Sociais da CNBB. Aí foi um tempo de viagem, mais do que trabalho. Eu acompanhava as Pastorais Sociais e, na época, eram 12 Pastorais Sociais, entre elas: Pastoral Operária, Pastoral da Criança, Pastoral do Menor, Pastoral dos Migrantes, Pastoral da Mulher Marginalizada, Pastoral Carcerária; enfim, todas as pastorais que atuavam no que se chama a questão social. Depois disso, retornei a São Paulo.

E aí fui trabalhar no Paraguai, em Cidade do Leste. Ali acabei sendo nomeado pároco dos imigrantes em geral, na região das três fronteiras. Fiquei sabendo, em uma pesquisa que fizemos lá,

que na região das três fronteiras, Brasil–Paraguai–Argentina, Foz do Iguaçu, Cidade do Leste e Puerto, se encontram 70 etnias, 70 povos distintos, entre coreanos, chineses, brasileiros, argentinos, bolivianos, peruanos, paraguaios. Então, ali foi uma experiência totalmente diferente com a imigração, com as dificuldades do imigrante, em especial no que diz respeito à Polícia Federal, à documentação e à busca de melhores condições de vida em outro país. Também há a dificuldade com a língua, os costumes etc. É muito diferente da migração interna. É uma migração em que outros fatores entram em jogo.

Depois disso me elegeram, é como se eu estivesse desempregado, superior provincial da Província de São Paulo. Isso significa, em termos mais práticos, a chefia de um grupo de padres que trabalha com migrações. A nossa congregação tem como carisma o trabalho com migrantes, refugiados, itinerantes, tudo que se move em cima da terra, menos as formigas. É o carisma da nossa congregação. Então me elegeram responsável da Província de São Paulo, que inclui os estados do Paraná, de São Paulo, de Minas Gerais, de Mato Grosso e do Distrito Federal, e a cidade de Manaus. Temos uma casa também no Peru, em Lima. É essa a trajetória.

(1) A nossa segunda intervenção viria nesse sentido. A Pastoral dos Migrantes está completando 25 anos de atuação. Qual é o balanço que o padre faria desses 25 anos?

(3) Sobre essa mudança de quadro, migração internacional e migração interna. Qual seria o quadro que você descreveria hoje?

Os 25 anos dizem respeito à criação do SPM (Serviço Pastoral dos Migrantes), que responde pela Pastoral dos Migrantes dentro da CNBB. Então é uma pastoral entre outras pastorais existentes. Mas, no Brasil, existe um trabalho com migrações há mais de 120 anos, que começou exatamente com a chegada das congregações scalabrinianas. Desde o final do século XIX e início do século XX,

padres italianos chegaram aqui para trabalhar com migrações. Foi a imigração italiana que veio substituir o trabalho escravo nas fazendas de café do interior de São Paulo. Esses padres se alojavam aqui do lado, a uns 500 metros daqui, onde hoje é um orfanato, que faz 125 anos agora. Esse orfanato era o lugar onde os padres se alojavam e, temporariamente ou periodicamente, se deslocavam daqui, através de trens, de mulas, para o interior de São Paulo, a fim de acompanhar o trabalho nas fazendas de café. Esse orfanato foi criado inclusive para abrigar as crianças cujos pais morreram na trajetória da Itália para cá. Quem era filho de imigrantes, era colocado nesse orfanato, enquanto os padres acompanhavam as famílias na colheita de café no interior de São Paulo. Depois, houve todo um deslocamento desse trabalho para o norte do Paraná. Quando o café migrou para o Paraná, também os padres scalabrinianos, nome que veio de Scalabrini, que foi o fundador, foram para o norte do Paraná e abriram uma série de missões. Essas missões fecharam. Foram fechando, quando o Paraná se fechou ao café e se abriu ao agronegócio, soja, cana etc. Esses padres depois acompanharam a migração do Sul para o Norte e foram para Rondônia, Pará e, hoje, para Manaus. No meio disso, surgiu o Centro de Estudos Migratórios, no decorrer da década de 1970; e na passagem dos anos 1970 para os anos 1980, a partir do Centro de Estudos Migratórios surgiu o Serviço Pastoral dos Migrantes. Inicialmente, trabalhávamos juntos. Depois, o Serviço Pastoral dos Migrantes se tornou autônomo e vinculou-se à CNBB, mas até hoje o trabalho segue bastante junto. Eu, por exemplo, faço parte do Centro de Estudos Migratórios e, ao mesmo tempo, estou ligado ao Serviço Pastoral dos Migrantes. O Centro de Estudos, hoje, funciona com uma biblioteca, uma casa de acolhida, uma revista, que é a *Travessia*, e também com o Centro Pastoral de Orientação aos Migrantes, para aqueles que vêm de fora, especialmente hispano-americanos. Já a Casa dos Migrantes, que está ao lado do Centro de Estudos, hoje abriga muitos refugiados africanos; e agora temos aí uns 50 imigrantes haitianos, que é a última leva de imigrantes que chegou.

O que eu diria nesse tempo todo? Diria que normalmente nós tendemos a olhar o mesmo imigrante com olhar de receio. Normalmente, tendemos a avaliar o imigrante, as migrações, com um olhar mais negativo que positivo. Na nossa experiência nós temos constatado que o imigrante, muito mais que um problema e um fator negativo, é um fator extremamente positivo. O imigrante não é absolutamente uma vítima, o imigrante é um protagonista de mudanças. Ele é protagonista de mudanças em dois sentidos. Ele é protagonista de mudanças numa perspectiva negativa, na medida em que ele, ao migrar, denuncia condições adversas no seu país de origem ou na sua região de origem. Nesse sentido, ele está denunciando sua pátria, o seu lugar de origem que não lhe dá condições dignas de cidadania. Mas ele é protagonista também no sentido do destino, na medida em que, quando ele chega ou pelo fato de migrar, ele exige mudanças. O ato mesmo de migrar indica uma exigência de mudanças nas relações internacionais. O ato de mudar diz que existem relações internacionais extremamente assimétricas, que fazem com que as pessoas sejam obrigadas a se deslocar de um lado para o outro. Então o imigrante, de alguma forma, é um motor de mudanças. Quando ele se põe em marcha, põe em marcha a história. Isso até inconscientemente, inconscientemente o migrante é um profeta de mudanças. É isso que a gente tem notado. O imigrante não é um problema. É uma oportunidade, é uma oportunidade de perceber que o mundo precisa mudar. Precisa mudar seja com relação à origem desses fluxos de migrantes, seja com relação ao seu destino. Políticas imigratórias muito mais acolhedoras, muito mais flexíveis, e regiões subdesenvolvidas onde seja possível elaborar políticas de desenvolvimento. Essa é um pouco a experiência que a gente tem.

Normalmente se pinta a migração com tintas muito fortes, sombrias, carregadas. Tudo isso é verdade. Migrante é vítima, migrante é explorado, migrante é mão de obra barata, mão de obra para os serviços pesados, tudo isso está de pé. Mas isso tende a encobrir o outro lado do migrante. Na mala do

migrante, se você abre a mala do migrante, em sentido figurado, vai encontrar desgraças, vai encontrar misérias, fome, situações precárias, mas você vai encontrar uma baita de uma esperança. Você vai encontrar uma baita de uma vontade de abrir horizontes na história. Então, o migrante é portador de horizontes novos na história. Resumidamente, é um pouco isso que eu diria a respeito do migrante.

(1) Quando o senhor fala do migrante, consegue avaliar uma certa melhora nas condições de vida desses migrantes? Eles trazem na mala uma certa capacidade emancipatória de um processo social anterior? Como o senhor vê isso?

Eu diria o seguinte: a mobilidade geográfica já foi fator de mobilidade social em décadas passadas. É o caso das migrações históricas no final do século XIX e início do século XX. É o caso das migrações nordestinas nos anos 1940, 1950, 1960, uma migração do Nordeste para o Sudeste. É o caso das migrações do Sul para o Norte, principalmente os gaúchos, paranaenses, para os estados de Mato Grosso, de Rondônia, do Pará, da Bahia etc. Hoje, diria que a migração, com raras exceções, não é fator de ascensão social.

(1) Seria econômica?

Ascensão social, econômica etc. A migração tende a ser muitas vezes um fator de queda. Por que isso? Por conta da crise econômica. A crise econômica deste nosso tempo fez com que o imigrante, apesar de sua esperança, apesar de sua teimosia, apesar de sua resistência, sonhe com uma vida melhor, mas ele encontra problemas a cada esquina. Ele encontra problemas na fronteira: nas fronteiras geográficas, nas fronteiras políticas, que são as leis, e nas fronteiras culturais, que é a dificuldade de se entrosar com as populações onde chega.

Isso é muito comum, por exemplo, nos países europeus

hoje, onde há um grande rechaço aos imigrantes africanos, turcos, árabes etc. Mas isso também é comum nos países do Terceiro Mundo. Aqui no Brasil, nós notamos claramente um rechaço aos nordestinos, aos bolivianos, aos haitianos. Isso não é privilégio, entre aspas, do Primeiro Mundo. Isso é próprio de todos os países. Então, aqui nós notamos uma certa hipocrisia dos países. Diríamos que os países em geral abrem as portas dos fundos para a entrada de imigrantes ou de migrantes, porque eles necessitam de mão de obra mais barata para os serviços pesados, mal pagos, perigosos etc., mas fecham a porta da frente, ou seja, não lhes dão cidadania, o privilégio da cidadania, não lhes dão os papéis legais. Então, fecham para eles a porta da frente, ou seja, os países hoje querem trabalhadores braçais, não querem novos cidadãos. E isso não acontece só nos Estados Unidos, na Europa, no Japão ou na Austrália. Isso acontece no Brasil, na Argentina, no Peru, em todos os países. As leis migratórias se tornam cada vez mais exigentes, mas há uma certa conivência de que alguns migrantes podem entrar pelas portas do fundo porque nós precisamos deles. Por outro lado, cada vez mais as leis funcionam como uma peneira. Uma peneira que classifica os migrantes mais capacitados e dispensa os menos capacitados. Então, hoje, eu diria que esse profeta que é o migrante, com esses sonhos, ele se debate com grandes pesadelos. Ele sai com o sonho e se encontra com o pesadelo. Isso tem a ver com a crise mundial, com o fechamento das fronteiras e com uma menor possibilidade de ascensão social e econômica da migração.

(1) Atualmente, qual é o perfil do migrante que o padre mais identifica aqui na cidade de São Paulo: é homem, é mulher? E qual a faixa etária?

(3) nacionalidades mais representativas?

(2) Em qual área do mundo do trabalho se insere?

De cara o imigrante é jovem. Muitos vêm entre os 18 e os 25 anos, podendo estender até os 30 e baixar até os 14 anos. Isso mais nas

migrações clandestinas. Tende a crescer as migrações femininas, é uma tendência muito forte. Isso é uma tendência internacional. As mulheres têm crescido muito nas migrações internacionais e nas migrações internas. Agente vê isso no caso dos bolivianos.

(2) É familiar?

Também tem o caso das famílias, mas em geral a família é o segundo passo da migração. Em geral, migra o homem e, depois de um tempo, ele chama a família. E a maioria é solteira, é jovem, cresce o número de mulheres cada vez mais, a maioria vem do Terceiro Mundo, dos países do Sul para os países do Norte. Dos países do Leste Europeu para os países do Oeste Europeu. No caso da América Latina, há uma forte migração intrarregional, entre os países que compõem o continente; então, por exemplo, os paraguaios em Buenos Aires, os peruanos e bolivianos no Chile, para as colheitas de frutas, os peruanos, equatorianos, bolivianos em São Paulo, os venezuelanos na divisa com o Brasil, lá no Norte. Quer dizer, é uma migração limítrofe, entre os países limítrofes e intrarregional muito forte. Alguns conseguem voos mais largos. São aqueles que, da América do Sul ou da América Latina, vão para os Estados Unidos, para a Europa, para o Japão. Há um tempo calculava-se entre 3 e 4 milhões de brasileiros no exterior. Hoje, há um retorno bastante acentuado com a crise na Europa, nos Estados Unidos, no Primeiro Mundo; há um retorno de brasileiros acentuado. E o Brasil se tornou recentemente país de imigração. Há uma forte chegada de imigrantes, especialmente chineses, portugueses, haitianos e latino-americanos. Os chineses e os portugueses vêm em geral para posições já qualificadas, os outros vêm para profissões não qualificadas.

E aqui vale a pena fazer uma trajetória do Brasil. O Brasil nasceu como um país de imigração. Isso até os anos 1930, mais ou menos. Primeiro, a imigração da colonização ou da invasão, conforme o ponto de vista, dos portugueses etc., dos

ciclos. Depois, a imigração do século XIX para o século XX, a imigração de espanhóis, portugueses, italianos, alemães etc. Depois, no período que vai de 1930 a 1970, o Brasil teve uma forte migração interna. Do Nordeste para o Sudeste e do Sul para o Norte, em busca de novas terras, e em busca da indústria no caso dos nordestinos. A partir dos anos 1970, começou o fluxo de emigração. O Brasil começou a enviar jovens para o exterior, com destaque aos Estados Unidos, à Europa e ao Japão, alguns à Austrália. Hoje, nós percebemos que o Brasil da imigração, depois da emigração, se reconverte no Brasil da imigração e começa a receber brasileiros que foram para fora; e começa a receber novos fluxos de imigrantes, com destaque a latino-americanos, hispano-americanos e mais recentemente haitianos. Calcula-se hoje de 7 a 10 mil haitianos no Brasil. Hispano-americanos, há milhares. Talvez mais de 1 milhão em todo país.

(1) E os haitianos, a concentração deles é na cidade de São Paulo?

Não, a concentração ainda é em Manaus.

(1) E qual é a porta de entrada?

A porta de entrada é Tabatinga.

(2) O senhor vem acompanhando a situação recente. Parece que houve algumas denúncias de problemas em algumas cidades.

Então, eu tenho acompanhado mais indiretamente, através dos nossos padres que trabalham com os imigrantes. Nós temos quatro lugares no Brasil que têm sido acompanhados neste ano (2012). Primeiro Manaus, por onde passaram em nossa paróquia uns 5 mil haitianos. São aqueles que do Haiti pegaram o seguinte

trajeto: República Dominicana, Panamá, Colômbia, Peru e se alojaram na fronteira do Peru com a Amazônia, em Tabatinga, para esperar o visto. Alguns ficaram 1 mês, 2 meses, 3 meses. Aos poucos foram entrando, recebendo vistos e se dirigindo a Manaus. Por aí passaram em redor de 5 mil. Esses números são todos aproximados porque há cifras oficiais e cifras clandestinas. Depois nós temos um grupo que passou por Cuiabá. Normalmente, esse grupo veio através da fronteira com o Acre. Muitos dos que passaram por Cuiabá e Manaus acabaram indo para São Paulo, então hoje já há uma grande migração de haitianos para São Paulo. São aqueles que, em geral, tiveram alguma oportunidade de emprego, mas não se estabilizaram, ou por causa do frio, ou por causa do salário baixo, ou pela exploração do trabalho, ou por não se darem bem com a família, principalmente no caso das mulheres que trabalham como doméstica; e assim acabam vindo para São Paulo e aqui têm outra recolocação.

Outro lugar em que temos recebido haitianos é o Paraná, através Curitiba. Hoje nós temos 12 cidades do Paraná onde os haitianos já estão trabalhando, com destaque para Pato Branco. Nessa cidade teve uma firma que foi buscar 80 haitianos em Manaus e depois mais 100, mas há outras cidades, como Londrina, Cascavel, Apucarana, Rolândia, entre outras. E no Rio Grande do Sul 10 cidades já contam com a presença de haitianos: Caxias, Passo Fundo, Sarandi, entre outras. Algumas em Santa Catarina para a colheita das frutas; e a grande reclamação é o frio, pois eles são povos da linha do equador, que não suportam muito frio.

O principal problema dos haitianos é a língua, o salário baixo, poucos alcançam mais do que um salário mínimo, e a exploração do trabalho, pois as empresas no geral se aproveitam dessa mão de obra barata. Aqueles que perseveram tendem a alcançar rapidamente mais do que um salário mínimo, são trabalhadores bastante habilidosos tanto na construção civil, quanto nos frigoríficos; e também em diversos trabalhos que eles têm feito, como é o caso da cultura de peixes criados em aquários,

em criatório em Manaus. Outra reclamação é que tanto o governo Lula quanto o governo Dilma fizeram propaganda para os haitianos no Haiti, essas propagandas colocavam que o Brasil podia receber haitianos, mas a única coisa que o governo fez foi lhes dar um visto para trabalharem, mas não dispôs de nenhuma infraestrutura nem de um centavo; em geral foi a caridade pública e a Igreja católica que arcaram com os custos dos alojamentos, da comida, dos primeiros-socorros e das necessidades imediatas, isso tanto em Curitiba, São Paulo e Manaus.

(3) O senhor poderia explicar melhor essa questão de as empresas contratarem os haitianos, pois a gente tem muito essa imagem de que eles chegam do nada e vão se destinando a elas por um acaso; poderia explicar mais essa questão do próprio sistema econômico que está se organizando nesse contexto de imigração internacional?

Bom, deixa-me contar primeiramente um caso, o caso da Paróquia de São Geraldo. Essa paróquia era desconhecida em Manaus, quase não tinha nome, eu passei recentemente 12 dias nessa paróquia, que é scalabriniana, da minha tribo, da minha congregação. Então, quando os primeiros haitianos chegaram em Manaus, eles nos procuraram, porque lá estavam os padres que trabalhavam com migrantes. A partir do momento que chegaram os primeiros, eles passaram a se comunicar muito rapidamente, por celular, pela família, e eles têm uma comunicação muito rápida, atualmente qualquer haitiano que chega no Porto de Manaus, vai direto para a Paróquia São Geraldo. Todo taxista hoje de Manaus conhece essa paróquia, qualquer um, qualquer negro que chega no Porto de Manaus os taxistas levam para lá; por isso todos os migrantes, todos os haitianos passaram por ali. Ora, as empresas, primeiro de Manaus depois do Paraná etc., passaram a dar-se conta de que ali havia milhares de trabalhadores, mais ou menos de braços cruzados e com vontade muito forte de arrumar algum emprego,

porque precisavam mandar dinheiro para a família, para aqueles que ficaram no Haiti. Então a Paróquia São Geraldo passou a ser um ponto de referência para as duas coisas: a chegada de migrante e a busca de trabalho. Algumas empresas começaram a buscar na paróquia 2 ou 3 trabalhadores, empregadas domésticas e empregados para cultivo de peixe em cativeiro, outras empresas de maior porte também buscavam trabalhadores, principalmente aquelas de Pato Branco, geralmente frigoríficos, foram essas que levavam a maior parte dos trabalhadores. Eu estava lá esses dias e chegaram 4 pessoas representantes de uma firma de Pato Branco, um psicólogo, um fisioterapeuta, um empresário, mais uma pessoa, se não me engano também ligada à empresa, que foram lá para selecionar 100 trabalhadores, para levar para o Paraná. Assim, de certa forma, a paróquia hoje acabou sendo um lugar de chegada e uma espécie de agência de empregos. Então os haitianos se dirigem a ela e as empresas também. E o que a paróquia faz? Ela tenta fazer um trabalho de intermediação, tenta negociar e defender um salário melhor para os trabalhadores. Isso não é fácil, pois as empresas chegam lá com a proposta de apenas 1 salário mínimo, outras oferecem 800 reais, e algumas chegam a mil reais, dependendo da qualificação do trabalhador.

(3) E é um trabalho diferenciado da natureza do trabalhador nacional, em relação ao trabalho que esse migrante vai fazer?

Em geral não! Em geral, tanto o trabalhador nacional quanto os haitianos entram na firma com o mesmo emprego, ganhando ao redor do salário mínimo. Eles entram registrados, porque o governo brasileiro deu a eles o visto que permite o registro em carteira.

(2) É outro tipo de relação do que a que se tem com os bolivianos?

É, pois eles já chegam com o visto. O visto permite que

imediatamente tirem a carteira de trabalho. Tanto é verdade que lá em Manaus a gente calculou que a seleção ia gerar um tumulto muito grande. Então o que a gente fez: antes de a empresa chegar, nós recolhemos a carteira de trabalho e 200 passaportes, e assim começamos a chamar os haitianos pelo número do passaporte, para que a empresa fizesse a seleção, mas na hora chegaram mais de 500 trabalhadores na Paróquia São Geraldo. Vocês imaginem o que é isso! A seleção feita foi bastante rigorosa, eles levam em conta o físico do trabalhador, o seu passado, a sua história como trabalhador e também a qualificação. Então ele pode entrar com 1 salário mínimo, mas pode entrar com 800 reais, com mil reais e até um pouco mais; normalmente a empresa dava 3 meses de aluguel no começo, antecipava esses 3 meses de aluguel, e depois disso o trabalhador tinha que arcar com todas as despesas.

(1) E, então, nós falamos dessa inserção laboral, mas como é a inserção social desses trabalhadores nos espaços que eles circulam, pois não existem alojamentos, e eles vão para os bairros. É a empresa que indica?

Normalmente funciona como uma espécie de “pensão”. Eles tendem a alugar uma casa e dividir com 20 ou 30 haitianos. Isso já acontece em Manaus, lá eu conheci umas 15 casas de haitianos, inicialmente a paróquia pagava, através da Igreja e da caridade local; com os jesuítas e com ajuda da arquidiocese, tinha uma movimentação, aí nós conseguíamos pagar essas casas por algum tempo. Quando os haitianos arrumam emprego, as paróquias aos poucos vão deixando de pagar o aluguel e eles passam a organizar por eles próprios suas pensões. Isso também acontece nos estados do Sul, eles começam a organizar suas pensões. Normalmente as empresas pedem para que eles façam sua própria divisão para ocupar as casas que elas possuem. Nos primeiros 3 meses a empresa se encarrega de pagar o aluguel e depois eles se organizam para pagar. Eles também

estipulam isso em contrato.

(1) E como é a organização interna das pensões, como eles escolhem com quem vão morar?

Aí entram questões de amizade, parentesco, relações que já vêm do Haiti e que nós desconhecemos. Há relações que parecem vir de formações tribais, em que há chefe, cacique; essas relações são estranhas, nós não entendemos. A gente percebe que alguns trabalhadores são muito dependentes de algumas figuras que aparecem, aí é difícil de entender como acompanhante. É preciso lembrar que entre eles só se fala crioulo, conosco eles arranham um francês.

(3) Nesse quadro, que é bem diferente da imigração europeia, na qual havia uma etnia branca que prevalecia e uma identidade ocidental, hoje o contexto é diferente, pois temos haitianos, mulçumanos e outros divididos em tribos. Como o senhor vê isso? Há uma aproximação entre essas etnias ou o senhor vê certo isolamento na própria cultura? E dentro daquele quadro que o senhor falou das novidades, como é essa questão aqui no contexto do Brasil? Como o senhor vê isso também? Há um potencial de transformação para que haja algum tipo de melhora das relações?

Bem, aqui entra uma série de autores, que faz uma diferença fundamental; eu não vou entrar nisso. Bem, qual é a diferença? Em países como os Estados Unidos, a Austrália, a Nova Zelândia etc., a tendência é a formação de guetos, de prevalecer a relação de etnia, de religião, de nacionalismo. No Brasil a gente percebe uma tendência histórica de miscigenação mais rápida, muito claramente. Por exemplo, em Manaus, eu vi muitos haitianos com namoradas brasileiras, já tentando entrar em uma relação tranquila. Isso está ocorrendo também em Pato Branco. Por

exemplo, já se diz que “Pato Branco jamais será branco” por conta dessa miscigenação, então o Brasil tem uma história muito grande de miscigenação e isso a gente percebe nesses contatos com o pessoal que está chegando. Os bolivianos têm seus locais de festa, de encontros, mas eles se inserem com muita rapidez na cultura brasileira.

(1) E a comunidade local tende a acolher?

Inicialmente há dificuldades, mas elas são mais facilmente quebradas do que em outros países...

(2) Lá se dá mais o racismo, a xenofobia?

Sim, há o racismo, a xenofobia. Até hoje há sim racismo no Brasil, ainda o imigrante boliviano, o peruano, é visto com certa distância, mas considero que a sociedade é mais permeável se comparada a países como a França, a Alemanha, até mesmo o Japão, a Austrália, os Estados Unidos; ali os países são igualitários, mas ali há pessoas “mais iguais que outras”: a comunidade negra segue sendo negra, a comunidade hispana segue sendo hispana. Aqui existem sim lugares onde os hispanos se encontram, aos domingos, e fazem sua festa, mas nota-se também uma integração crescente nas relações pessoais, no matrimônio, na escola; aqui vai se tendo cada vez mais uma relação miscigenada, isso não esconde completamente uma discriminação subvertida.

(1) Essa relação com as outras instituições para além da Igreja, como se dá? A relação com a escola, com o serviço de atendimento à saúde, como o senhor vê? Porque, se de um lado tem a política migratória brasileira que dá o visto de trabalho, há depois toda a inserção através das empresas e na comunidade local. Há casos de violência simbólica ou física

nessas outras instituições?

Há relatos de rechaço, de dificuldade no acesso aos serviços públicos, no atendimento de saúde, na escola, menos no serviço de transporte, que é pago. Há relatos tanto dos bolivianos, peruanos, quanto dos haitianos.

(1) É uma cidadania muito restrita?

Sim, é uma cidadania muito restrita, aqui valem muito os papéis, a luta é para conseguir visto temporário, permanente, pois é a partir dele que a pessoa tem acesso às outras portas. Quando não tem visto temporário ou permanente, a entrada para as outras portas fica muito difícil de alcançar, como era o caso dos bolivianos em São Paulo, que tinham dificuldade de colocar seus filhos na escola, até que o governo paulista abriu totalmente as portas. Isso se deu através de uma lei de alguns anos atrás; eu não tenho aqui os dados concretos, mas foi assim que houve o aumento dos documentados. Os papéis são o passaporte para uma cidadania mais ampla, digna, principalmente para o acesso aos serviços públicos gratuitos.

(2) Há essa cidadania negada, limitada e restrita que o senhor fala e, por outro lado, há o migrante como motor de transformação e protagonista da história. Nesse sentido, como esse migrante se insere nas lutas populares, nos movimentos sociais? É mais difícil, uma vez que eles não possuem documentos? Como eles se inserem como sujeito político?

Então, quando eu falo de sujeito político, não estou falando de necessariamente que esse sujeito está organizado. Eu falo de uma situação pré-política, pois o fato de ser migrante interroga uma sociedade. Uma sociedade como São Paulo que tem inúmeros rostos de migração, ela é forçada a abrir seu coração, portas

e cidadania a esse outro que está aí, que está trabalhando e ajudando a construir o país; assim, quando falo do migrante enquanto profeta, enquanto protagonista, enquanto sujeito, há aí um protagonismo muitas vezes inconsciente, pois o fato de migrar faz se questionar o país onde nasceu e interrogar o país no qual chega. Agora, a entrada em movimentos ativos é muito mais complicada. Os chilenos, por exemplo, entram com muita restrição, porque vêm fugindo de uma participação política lá no Chile, muitos chilenos vieram fugindo da ditadura chilena e eles ainda têm um pé atrás com a política. Eles tendem a participar dos atos de expressão religiosa, mas não tanto de expressão política. O protagonismo que eu falo, é o protagonismo pré-político, de quem questiona uma sociedade, de quem questiona uma assimetria entre países e religiões, é nesse sentido.

(3) Mas esse pré-político pode ser de uma possível organização posterior coletiva? O senhor vê alguma iniciativa dos imigrantes? O que o senhor acha? Vê alguma experiência desse tipo? Porque é muito importante tirar essa imagem passiva desses migrantes e olhar para a ação desses sujeitos na realidade de uma cidade como São Paulo.

É aí que entra o Serviço Pastoral dos Migrantes, ou seja, nós da Pastoral dos Migrantes temos a função de, a partir das trajetórias, transformar esse protagonismo pré-político em protagonismo ativo e político. Isso tem sido o papel do SPM. Isso tem sido feito com os hispano-americanos, com a migração interna e tem sido feito com outros migrantes que estão aí; então isso passa fundamentalmente pela cultura. A função das igrejas, do SPM, das paróquias onde chegam os migrantes, é dar oportunidade para as culturas, abrindo espaços para mostrarem suas comidas típicas, danças, as expressões religiosas, e a partir desses espaços começa uma conscientização daquilo que o migrante pode fazer para mudar sua situação no Brasil. Então, por exemplo, há uma

luta em São Paulo para que haja a mudança da lei de estrangeiros, já houve vários abaixo-assinados feitos por migrantes, há também uma luta pelo voto dos migrantes, há uma luta para que o migrante tenha acesso livre às escolas, à saúde etc., e essas lutas vão se organizando a partir do Serviço Pastoral dos Migrantes e das igrejas onde os migrantes têm algum acesso, assim se passa de expressões culturais, religiosas etc. para expressões de reivindicações. E esse passo não é tão simples, mas ele está ocorrendo; por exemplo, marchas, atos públicos, Dia do Migrante, quando nós realizamos uma concentração no Pátio do Colégio e uma caminhada até a Praça da Sé, que é fundamentalmente um ato político que termina com uma missa. Aqui o religioso, o cultural e o político estão muito entrelaçados, e é possível dar um passo do cultural e do religioso ao protagonismo político, para transformar a situação dos migrantes. Eu digo o seguinte: o migrante, quando chega, tende a ser um protagonista individual, ele busca melhorar a sua vida e de sua família, mas, quando ele se engaja na igreja, no SPM e nos movimentos sociais, tende a ser tornar um protagonista social, ele tende a melhorar a condição dos migrantes em geral. Aí tenta modificar a Lei dos Estrangeiros, dos migrantes no geral. Isso também ocorria com os migrantes do corte da cana e da colheita da laranja, a gente também via isso. Inicialmente era o “meu” que estava em jogo, depois entrava o “nosso”; na medida em que íamos trabalhando em grupo, o “nós” surgia como preocupação: o nosso salário, o nosso alojamento, o nosso meio de transporte etc. Isso hoje com os haitianos é muito forte. Nessa experiência de Manaus, percebi isso: o “meu” é muito defendido, mas, quando se trata do “nosso”, há uma negligência natural dos migrantes que acabam de chegar, pois eles querem defender o que é dos seus filhos e de sua esposa, isso é até natural. É preciso um passo bastante largo para que eles comecem a perceber o “nosso”. O povo haitiano, o povo migrante que precisa ser atendido no geral, que não é só “eu”, precisa de um largo trabalho de consciência, de prática política,

social, que é essencial para ele passe do “meu” para o “nosso”. É aí que o protagonismo pré-político se transforma no protagonismo político.

(3) Hoje tem essa imagem da imigração apenas temporária, mas essa prática mostra o enraizamento e aquilo que está para além do fator econômico?

Exatamente.

(1) E quais as outras modificações que estão em questão nesse processo? Pois nós vemos que o debate sobre migração está muito atrelado às condições de existência, mas, dessa sua experiência de convivência, quais são as outras motivações que envolvem esse processo migratório? Que tipos de acesso?

Eu diria que no começo trabalho, moradia, saúde, são coisas fundamentais, pois a maior parte dos migrantes é de caráter socioeconômico. Eles querem melhorar suas condições de vida e, como não tinham isso em seus locais de origem, vêm em busca disso no Brasil, um país emergente, o país da Copa, a primeira visão é essa. Depois vêm outras reivindicações; por exemplo, o acesso ao estudo, isso é muito forte, pois não querem que os filhos sejam como eles, tem a questão do reconhecimento dos próprios direitos, os direitos à saúde, ao trabalho, à cultura, a se manifestar etc. Há uma grande preocupação com o direito de refazer sua história e sua cultura, com o direito estritamente cultural; na medida em que eles vão arrumando meios, começam a resgatar determinadas expressões culturais esquecidas. Isso nós vemos com os italianos, que já estão aqui há um século, com os portugueses e também com os bolivianos. Se em um primeiro momento a prioridade é moradia, emprego e saúde, no segundo momento eles começam a se encontrar para resgatar valores culturais, religiosos etc., e no estágio mais avançado há o reconhecimento do cidadão, são aqueles que começam a dizer que têm o direito

de votar, “eu quero exercer meu direito de participação cidadã”, é o direito de participação política enquanto cidadão. Mas aí é um estágio mais avançado, já existe em São Paulo um grupo forte de imigrantes lutando para mudar o direito de voto a estrangeiro, buscando o reconhecimento.

(2) Hoje, como o senhor avalia a legislação e a política brasileira em relação aos migrantes? Ainda falta muito para que eles tenham o reconhecimento político?

Olha, ainda falta muito a ser feito, nossa política ainda segue alguns parâmetros dos países ricos, não só o Brasil, mas a Argentina, os países vizinhos. As legislações em geral são em grande parte muito restritas e muito difíceis, pois os documentos são caros, enfim. Só um exemplo: nós temos aqui muitos estudantes haitianos, intercambistas, paraguaios, mexicanos e colombianos, e, mesmo como estudantes da congregação, um documento feito hoje para a Polícia dizendo que a congregação se responsabiliza pela sua manutenção custa 300 reais, um documento que um migrante precisa levar para a Polícia pedindo um visto temporário custa o dinheiro que o migrante tenta ganhar em vários meses; então há uma restrição natural pelo preço dos documentos e há um maltrato muito grande dentro da Polícia Federal, os migrantes são muito maltratados lá e o atendimento é muito precário, ruim, as filas são gigantescas. Normalmente há restrições aos migrantes não qualificados, há um funil que separa os qualificados e os não qualificados; por exemplo, os técnicos de multinacionais não têm nenhuma dificuldade para entrar no Brasil, mas os migrantes braçais têm muita dificuldade tanto no fator arrumar documento, quanto no preço do documento, as diferenças são muito fortes.

(3) E a configuração da imigração clandestina, o senhor acha que é uma tendência que vai marcar cada vez mais o contexto brasileiro em razão dessas restrições legais?

Eu acredito que sim. É o seguinte: aqui nós temos que entrar num movimento mais geral, que é o da globalização. A globalização globaliza tudo. Ela abre fronteiras para tudo, mercadoria, capital, tecnologia, técnicos etc., mas restringe o trabalhador. Ao mesmo tempo em que ela abre fronteiras para o capital, mercadorias etc., tenta restringir as fronteiras ao trabalhador braçal. Isso acontece com o Norte da África, o Norte do México com os Estados Unidos e com a Europa, no Leste Europeu, com os países ocidentais; isso acontece em todos os lugares. Na medida em que essas fronteiras oficiais são fechadas, abrem-se buracos nas fronteiras geográficas. Aí então os migrantes passam a entrar por Foz do Iguaçu, Corumbá, Tabatinga, no México vão tentar pular o muro, na África passam a sair de barco em direção ao Mediterrâneo, tentam chegar à Austrália pelos países vizinhos, como Indonésia, tentam chegar a Miami pelas ilhas do Caribe, pelas fronteiras que se abrem; e por elas aparecem os coiotes (coiote é aquele que faz a intermediação), há uma empresa da migração, uma indústria. Os haitianos pagavam cerca de 4 mil a 5 mil dólares para o coiote deixá-los em Tabatinga. Antes de o governo, pela embaixada de Porto Príncipe, facilitar os vistos no Brasil, já havia milhares de haitianos clandestinos, uma vinda promovida pelos coiotes; o próprio coiote divulga a notícia de que, vindo para o Brasil, eles irão ter emprego, poderão ver a Copa do Mundo, que aqui tem emprego para todo mundo, e em geral divulgam-se notícias falsas: que no Brasil os salários superam mil dólares. Quando o haitiano entra em Manaus, ele vem com a ideia de que o salário é superior a mil dólares, e essa é a primeira decepção que ele tem quando chega aqui. A segunda decepção é que o coiote em geral inclui, no pagamento dos 4 mil, 5 mil dólares, o alojamento e os primeiros-socorros. Então diz para o migrante que, onde ele chegar, vai ter alojamento de graça, porque o governo está pagando, vai ter comida de graça, porque o governo está pagando. Assim, quando ele chega na Paróquia de São Geraldo, diz: “Olha, já paguei o alojamento, já paguei

não sei o quê”. As pessoas da paróquia perguntam: “Como você pagou?”. E ele responde: “Eu paguei pro rapaz que me deixou em Tabatinga”. E os coiotes possuem todos os endereços de nossas casas de acolhida.

(2) O senhor acha que, da parte do coiote, das indústrias brasileiras, do setor que acolhe e recruta esses imigrantes, há também um lado funcional, das vantagens da contratação do imigrante não qualificado, porque ele gera lucro?

Esse imigrante está em uma situação extremamente vulnerável, por causa de terremotos, miséria; então ele se presta a qualquer promessa de coiote e ele se presta a empresas que de alguma forma necessitam de mão de obra barata. Então ele se presta a essa empresa da imigração, a essa indústria da imigração. A partir daí entra em jogo o coiote, entra em jogo o olho fechado das autoridades para as empresas permeáveis à mão de obra barata, entra em jogo a hipocrisia da política migratória, entra em jogo uma série de fatores. Isso vale para todos os países. Os países necessitam de mão de obra barata, mas não querem cidadãos.

(1) Então o controle da ação desse coiote só vai existir quando houver política?

Política migratória mais acolhedora e ao mesmo tempo de fechamento real das fronteiras.

(1) E há uma resistência a esses coiotes? Porque estou me lembrando muito do trabalho da professora Marilda Aparecida de Menezes lá da Paraíba. E o que me chama muito a atenção no livro dela, o *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes*,³ é o acesso à parte das redes sociais mesmo, de como elas são redes de informação, e que as informações circulam sobre a situação do trabalho em determinado local, sobre como é a situação.

3 MENEZES, Marilda Aparecida de. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes*: um estudo de famílias de camponeses-migrantes. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, João Pessoa: EDUFPB, 2002.

Mas, no caso dos haitianos, a situação parece ser muito recente, parece que a formação dessas redes ainda está muito fluida, em desenvolvimento.

Isso é uma das coisas que a gente capta de cara. Os migrantes estão informados sobre tudo. Eles sabem do coioite, sabem que aquele padre é mais bonzinho do que aquele outro, sabem quem eles podem enganar, quem não podem enganar, eles sabem tudo! Eles têm informações a respeito das casas, a respeito de tudo! A rede de informações de que eles dispõem é impressionante! Eles conhecem nossas casas. Por exemplo, teve um padre nosso que fez uma carta para um migrante vir a São Paulo, e essa mesma carta foi usada por mais de cem! Eles têm uma rede que passa pelo parentesco, pela amizade e por relações tribais. Eles têm uma rede extremamente funcional com esses gatos (coiotes), que em geral são compadres de muitos deles, são pessoas próximas a eles. Nós da Paróquia São Geraldo chegamos a abrigar um gato. A Polícia Federal pegou alguns gatos, prendeu alguns. Nos Estados Unidos a Polícia já prendeu alguns também. Alguns deles são identificados, há práticas de alguns gatos que se percebem claramente.

(1) E tem uma questão moral que os envolve?

Normalmente eles têm alguma dívida moral com os gatos, o compadrio, ou algum filho no Haiti. O gato tende a ser alguém que está num degrau superior a ele e que por isso possui alguma influência a mais na política, na Polícia; e com essa influência ele abre algumas portas para aquele que está chegando.

(1) É sintomático que nos estudos migratórios frequentemente haja a divisão entre migração interna e migração internacional, enquanto o que percebemos ao longo desses anos é que as questões se cruzam e quase são as mesmas, excetuando-se

obviamente suas especificidades. Mas, quando ouvimos o senhor falando sobre a relação com os gatos, vem imediatamente a imagem dos gatos da laranja, da cana.

Na verdade o que muda são as circunstâncias de língua, de documentos, mas a migração interna e a migração internacional sofrem dos mesmos problemas. Elas têm como retaguarda uma condição socioeconômica precária, a necessidade de alimentar a família que ficou para trás, elas têm o gato como intermediário, têm as empresas que terceirizam determinados serviços para o gato; nos dois casos elas têm isso. No caso internacional, a migração tem esse nível internacional; e isso é muito forte, por exemplo, no tráfico de pessoas. E aí você lida com redes extremamente perigosas, redes de um poder de fogo muito forte; e no Norte do Brasil muita gente tem sido assassinada em função dessa relação com as redes de tráfico humano. E, no caso internacional, muitas delas são ligadas ao tráfico de armas e de drogas. Esses tráficos de armas, drogas e pessoas muitas vezes caminham paralelamente. No caso interno essas redes de gatos são mais ligadas a questões de trabalho.

(1) E sobre os migrantes climáticos? Quais são suas especificidades em relação aos outros tipos de migrantes?

Esse migrante sempre existiu, mas o fenômeno vem se acentuando com as catástrofes e os desastres naturais, e algumas dessas catástrofes são criadas pela ação do homem. Surge hoje no campo da mobilidade humana um rosto novo, que é o refugiado climático, o refugiado ambiental, o migrante climático, o migrante ambiental. E ele sempre existiu, mas agora surge com um contingente muito maior, já se fala em alguns milhões. A ONU ainda não reconhece o refugiado ambiental porque, quando a ONU reconhece um refugiado, precisa dar a ele uma quantia em dinheiro por mês, para que possa sobreviver; então a ONU

também não o reconhece por motivos econômicos. E também porque não é fácil fazer a divisão entre quem é o migrante ambiental e quem é migrante econômico. O fato é que cresce cada vez mais esse novo rosto no interior das migrações, há cada vez mais pessoas que se deslocam por motivos de inundações, secas, *tsunamis*, terremotos etc.; e já se fala em impactos gerados, haja vista que os migrantes climáticos atingiram quase a mesma cifra dos migrantes econômicos, especialmente depois de casos como os da Indonésia, do Japão, Haiti e outros de grande movimentação de pessoas. No Brasil, no Nordeste, sempre houve essa situação. O fato é que muita gente foge, essa é uma migração de fuga. Aliás, a diferença entre o migrante e o refugiado é esta: o migrante pode escolher, mas o refugiado não. O migrante pode voltar atrás, o refugiado não, ele não tem para onde voltar.

(1) É a questão do retorno, tão comum no percurso migratório?

Quando se fala em migrante em geral, pressupõe-se uma pessoa que pode visitar sua terra, sua família em geral. Quando se fala em refugiado, em geral não há essa possibilidade, seja por motivos religiosos, de perseguição ou até em função de ter perdido tudo em uma enchente ou um terremoto. Então, isso é importante, o refugiado é mais vulnerável que o migrante socioeconômico, é mais vulnerável e desprotegido do ponto de vista econômico, e às vezes ele é mais preparado do ponto de vista intelectual, quando é um político, um advogado, um juiz. Nós trabalhamos em geral com rostos, rotas, raízes, fotos. Então você pode traçar uma fotografia das migrações em uma cidade como São Paulo e vai identificar os rostos da migração, a fotografia identifica os rostos. E aí eu respondo a pergunta quem são os migrantes no Brasil, em São Paulo ou em uma determinada região. Você pode identificar em um segundo momento as rotas dos que migram, ou seja, respondo à pergunta de onde para onde, você faz um mapa da migração, de onde vêm para onde vão etc.

E em um terceiro momento você pode responder sobre as raízes. Por que as pessoas vêm? Quais são as causas? Aí se investigam as causas políticas, econômicas, sociais, religiosas etc., as mais diferentes causas. Então você traça uma radiografia da migração e vai entender por que as pessoas estão saindo. E você vai perguntar que respostas estão dando a sociedade civil e o governo para as migrações através das leis, da acolhida, do rechaço. Hoje se calcula pela ONU que 200 milhões de pessoas não vivem no país em que nasceram. Isso não dá conta das migrações internas nem temporárias, refere-se somente àqueles que ultrapassaram as fronteiras do país. Os que se movem constituem um número muito mais amplo.

(1) Gostaria de perguntar ao senhor se as migrações aproximaram o rural do urbano.

Aqui temos um Instituto de Teologia. Eu tenho uma matéria de 40 aulas sobre espaço rural e urbano. A primeira coisa que digo é o seguinte: cidade não é o urbano, ou seja, o universo urbano não coincide com a cidade. O universo urbano é um conceito não geográfico, mas é cultural, antropológico, é uma mentalidade. É um jeito de ser, é um universo dinâmico, informado, informatizado, tecnológico etc. Ora, esse universo urbano já está no campo. Hoje você vê muitos jovens que têm uma mentalidade do universo urbano. Por outro lado, dentro de São Paulo você vê resíduos do universo rural. Então nós trabalhamos com universos e não com geografia. O universo rural é estático, hierárquico, patriarcal, você acorda com o galo, com o sino da igreja, com o sol. O universo urbano é outra coisa, é um universo sempre diferente, acorda com o diferente, os valores são outros. No universo urbano predomina a novidade, no universo rural predomina a tradição. No universo urbano o jornal de ontem é velho, nada é mais velho que o jornal de ontem. No universo rural são os valores antigos, a tradição que predominam. E esses universos se entrelaçam.

(1) Com a migração?

Com a migração, com a Internet, com o telefone, com o vai e vem dos imigrantes, com a novela. Esses universos hoje estão entrelaçados. O jumento do mundo rural hoje tem duas rodas. Então o mundo urbano é a linguagem do século XXI, a linguagem do mundo moderno e pós-moderno. Essa linguagem está na cidade e está no campo, e às vezes com maior sedução no campo do que na cidade. E na cidade você encontra resíduos do universo rural. Eu trabalhei em um cortiço em São Paulo, com 40 famílias, todas do sertão da Bahia, de Ipirá. Quando se entrava no cortiço, as notícias que corriam ali eram de Ipirá, a vaca que deu cria, fulano casou com fulana, fulano recebeu uma carta, está começando a safra, hoje vai ter chuva. Eram essas as notícias que circulavam ali, completamente fora de São Paulo. Depois trabalhei em uma favela na Zona Leste de São Paulo, a maioria era do sertão de Pernambuco. As notícias que circulavam ali eram de lá. As cartas que eu recebia também reproduziam o mundo rural. Eu inclusive era “escrevinhador” e leitor de cartas; nessa época acumulei mais de 3 mil cartas. Teve um colega meu que fez uma tese de teologia sobre essas cartas. Dada a confiança que eles tinham em mim, pegava a carta, tirava xerox e reproduzia a carta. Nessas cartas, a própria linguagem, a própria gíria era do local de origem, ou seja, o universo rural dentro do universo urbano. E o universo urbano já está no meio rural, especialmente entre os jovens. E esse entrelaçamento é essencialmente devido à migração, mas também à novela, à Internet. Por outro lado, tem muita gente que vive no urbano e trabalha no rural, que é o boia-fria. Essas fronteiras estão fluidas, permeáveis. Pastoral urbana não é pastoral da cidade. É a pastoral para responder os desafios de uma nova linguagem, de novos valores, de novas hierarquias, novos jeitos de ser, de existir, de falar, de linguagens polissêmicas, polifônicas. Então não se pode mais falar dessa separação entre rural e urbano, pois os universos estão misturados.

(3) Gostaríamos que o senhor falasse ainda sobre o universo feminino da migração.

A maioria das mulheres é solteira, trabalhadora, algumas têm namorado. As que são casadas saem em um segundo momento. Eu acompanhei com outras pessoas um grupo de empregadas domésticas do Jequitinhonha, todas mulheres negras; e essas empregadas, aos finais de semana, não podiam ficar na casa onde trabalhavam, porque as patroas recebiam visitas em casa e não queriam as empregadas lá, tinham vergonha delas etc. Então, no domingo, elas tinham que sair. Assim a gente acolhia essas moças, tinha almoço, depois um bate-papo entre elas; elas passavam o dia conosco, na igreja. Essas moças, depois que voltavam pro Jequitinhonha, interior de Minas Gerais, os rapazes não queriam casar com elas. O que os rapazes diziam? Que elas não eram mais virgens, o que não era verdade. Na realidade, elas já conheciam os seus direitos, então elas tinham um elemento urbano, que é a abertura para os direitos. Na Paraíba, os fazendeiros não empregam um peão que já tenha passado pelo Rio de Janeiro ou por São Paulo, porque já conhece sindicato; isso é um dado urbano. O universo rural trabalha com relações primárias, sangue, compadrio etc. O universo urbano trabalha com relações secundárias, sindicato, associação etc.

(3) É uma migração individual, portanto?

Quem é casado tende a resolver a vida antes, pra depois chamar a esposa. Quem é namorado tende a trazer a namorada, e muitas mulheres vêm por conta, por exemplo, com um irmão, um conhecido etc. Em geral, trabalham em empresa familiar, inclusive a maior dificuldade dos padres é arrumar serviço para as mulheres. Então a indústria têxtil tende a recebê-las. Em São Paulo, as meninas bolivianas todas trabalham na indústria têxtil, pratica-

mente 100%, em condições muito precárias, insalubres etc. Às vezes trabalham em cozinha. No caso da migração, é muito mais fácil para os homens ocuparem o lugar das mulheres, do que o contrário, no caso do migrante recém-chegado. Vi mulheres na Amazônia tentando ser servente de pedreiro, mas em geral não são aceitas. São aceitas como empregadas domésticas e mesmo assim não é sempre que conseguem serviços, em geral não são bem-aceitas. A mulher é aceita se conhecer o trabalho que irá fazer; então a mulher ganha espaço na medida em que são reconhecidas e comprovadas suas capacidades etc. De início há uma dificuldade em arrumar emprego pra mulher.

(1) Então podemos dizer que a situação de vulnerabilidade social das mulheres que migram sozinhas é maior?

É maior e mais grave [...]; outra coisa que é muito precária são aquelas mulheres que vão trabalhar em casa de família. Normalmente não entendem de culinária brasileira, então há um impacto. Algumas foram aceitas para criar peixe em cativeiro, para fazer trabalhos leves, dar comida para os peixes, esse tipo de coisa. Outras foram levadas com os maridos para os frigoríficos. Os que eram aceitos para esse trabalho e eram casados levavam junto suas mulheres, que ajudavam no corte do frango etc.

(1) Há um trabalho muito mais precário?

Há.

(1) Considerando a experiência de trabalho de campo que tenho no interior de São Paulo, posso verificar que atualmente há muitas situações de vulnerabilidade e precariedade que atingem principalmente as mulheres, como, por exemplo, o trabalho das mulheres da pedra no corte de cana, elas são respon-

sáveis pela limpeza do terreno, para a máquina que corta passar, como mostra Maria Aparecida de Moraes Silva.⁴ Há nesse sentido até mesmo a apropriação da subjetividade feminina pelo processo de trabalho. Como o senhor avalia esse processo?

Quanto à vulnerabilidade feminina, as mulheres também chegam geralmente com menos escolaridade que os homens. Os homens já passaram do primário, sabem rudimentos do francês, porque no Haiti a língua mãe é o crioulo, fala francês quem passou pela escola. Muitas mulheres não falam francês, de jeito nenhum, o que torna as coisas mais complicadas ainda, porque fica mais difícil até para entender o português. E isso acontece em todos os tipos de migração. As bolivianas encontram emprego rápido, mas é um emprego extremamente precário e explorado aqui em São Paulo. Outra coisa que ocorre é que os próprios migrantes, em longo prazo, tendem a explorar suas conterrâneas. Muitos dos que possuem empresas têxteis aqui são bolivianos, coreanos, que exploram suas próprias conterrâneas. Por exemplo, já vi haitianos terem a ideia de abrir uma empreiteira para construção civil e, se eles fizerem isso, vão explorar seus compatriotas, sem dúvida. É uma tendência. Outro exemplo, os haitianos que sabiam francês tendiam a ser muito mais rigorosos com os outros haitianos do que nós. Então são contradições muito sérias, nas quais há diversos fatores implicados. Como eu já disse, os migrantes passam por situações graves. O que a gente percebe é que a fome, a necessidade animaliza, brutaliza as pessoas. Só para dar uma ideia, quando a pessoa não consegue trabalho, tem um problema de cesta lá. A cidade toda de Manaus contribui com comida e tem um problema de distribuição de cestas. Na hora de distribuir, chega a ser trágico o que a gente vê: brigas, gente passando por cima de outro. Aquelas imagens que a gente vê na TV. Tanto é grave que nós mandamos um padre haitiano para trabalhar lá e ele fugiu. É muito difícil ver um irmão nosso nessa condição, uma condição desumana. E, para o haitiano, irmão não é só de sangue, mas de raça, de cor. Então ele se escondia porque era um irmão dele que estava ali brigando. E aí a gente percebe que as redes

4 Entrevista: Maria Aparecida de Moraes Silva, em defesa dos trabalhadores rurais. *Revista Unesp Ciência*, mar. 2013. Disponível em: <http://www.unesp.br/aci_ses/revista_unesp/ciencia/acervo/39/perfil>.

funcionam porque, se nós dissermos pra um “Olha, amanhã a gente vai distribuir dez cestas”, seguramente, vão aparecer dez pessoas. Então, se um cara quiser dez trabalhadores em Sarandi, no Rio Grande do Sul, a primeira pergunta dos haitianos será: “Vai ter Internet, telefone?”. Ele tenta refazer o grau de parentesco pela Internet, a conexão com a família, com os parentes, e ele tenta recompor isso aonde ele vai, pelos amigos, pelos parentes; ele tende a recompor isso no ambiente de trabalho.

(1) Em nome da *Ruris*, nós gostaríamos de agradecê-lo imensamente pela atenção, paciência e pela importante contribuição do padre.

LIDIANE MARIA MACIEL – Doutoranda no Departamento de Sociologia do IFCH, Unicamp. Pesquisa: Entre o rural e o urbano – Migrações internas no Brasil contemporâneo, <lidiani.maciel@gmail.com>.

MARIANA SHINOHARA RONCATO – Mestra em Sociologia do IFCH, Unicamp. Pesquisa: Migração internacional, trabalho imigrante, articulação, classe social, gênero, raça/etnia, <mari_roncato@yahoo.com.br>.

PATRICIA VILLEN – Doutoranda em Sociologia do IFCH, Unicamp. Pesquisa: O novo contexto de imigração internacional no Brasil e sua relação com o funcionamento do mercado de trabalho, <villenpatricia@gmail.com>.